

O CORPO COMO DISPOSITIVO IDEOLÓGICO: SALVAÇÃO, PECADO E O EFEITO DE VERDADE

THE BODY AS AN IDEOLOGICAL DEVICE: SALVATION, SIN, AND THE EFFECT OF TRUTH

EL CUERPO COMO DISPOSITIVO IDEOLÓGICO: SALVACIÓN, PECADO Y EL EFECTO DE LA VERDAD

 <https://doi.org/10.56238/arev7n9-090>

Data de submissão: 15/08/2025

Data de publicação: 15/09/2025

Felipe Muniz

Psicólogo Doutorando em Memória: Linguagem e Sociedade
Instituição: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
E-mail: psi.felipemuniz@gmail.com

Edvânia Gomes da Silva

Doutora em Linguística
Instituição: Universidade Estadual de Campinas
E-mail: edvania.gomes@uesb.edu.br

RESUMO

Este artigo, ancorado na Análise do Discurso materialista, investiga como se produzem efeitos de verdade na relação entre corpo e salvação, a partir da construção discursiva do “corpo cananeu” como representação do pecado. Interessa-nos compreender de que modo a posição-sujeito “liderança cristã” opera na produção de um efeito de verdade que regula um corpo voltado à salvação, em oposição àquele associado ao desvio e ao pecado. A análise do corpus indica que o efeito de verdade se sustenta na articulação entre o lugar de autoridade ocupado pela “liderança cristã” e a identificação dos sujeitos a esse discurso. Concluímos, portanto, que a autoridade atribuída à forma-sujeito “liderança cristã” reafirma seu papel na reprodução de um imaginário em que salvação e santidade estão diretamente vinculadas à conformação do corpo a determinados usos.

Palavras-chave: Corpo. Efeito de Verdade. Liderança Cristã. Discurso Religioso. Identificação.

ABSTRACT

This article, grounded in Materialist Discourse Analysis, investigates how truth effects are produced in the relationship between body and salvation, based on the discursive construction of the “Canaanite body” as a representation of sin. We aim to understand how the subject-position “Christian leadership” operates in the production of a truth effect that regulates a body oriented toward salvation, in opposition to one associated with deviation and sin. The corpus analysis indicates that the truth effect is sustained through the articulation between the authority position held by “Christian leadership” and the identification of subjects with this discourse. We conclude, therefore, that the authority attributed to the subject-form “Christian leadership” reaffirms its role in reproducing an imaginary in which salvation and holiness are directly linked to the body's conformity to specific uses.

Keywords: Body. Effect of Truth. Christian Leadership. Religious Discourse. Identification.

RESUMEN

Este artículo, basado en el Análisis del Discurso materialista, investiga cómo se producen los efectos de verdad en la relación entre el cuerpo y la salvación, a partir de la construcción discursiva del "cuerpo cananeo" como representación del pecado. Nos interesa comprender cómo la posición de sujeto del "liderazgo cristiano" opera en la producción de un efecto de verdad que regula un cuerpo orientado hacia la salvación, en contraposición a uno asociado con la desviación y el pecado. El análisis del corpus indica que este efecto de verdad se sustenta en la articulación entre la posición de autoridad que ocupa el "liderazgo cristiano" y la identificación de los sujetos con este discurso. Concluimos, por lo tanto, que la autoridad atribuida a la forma de sujeto del "liderazgo cristiano" reafirma su papel en la reproducción de un imaginario en el que la salvación y la santidad están directamente vinculadas a la conformación del cuerpo a ciertos usos.

Palabras clave: Cuerpo. Efecto de Verdad. Liderazgo Cristiano. Discurso Religioso. Identificación.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo propõe uma análise discursiva materialista que investiga como o corpo – entendido como materialidade insculpida por sentidos, memória discursiva e práticas ideológicas – é articulado e legitimado no discurso materializado em enunciações de lideranças cristãs. O estudo busca analisar que efeitos de verdades são produzidos na relação entre salvação e corpo a partir da construção discursiva do “corpo cananeu”, concebido como símbolo de pecado. Dessa forma, propomos indicar como a posição-sujeito “liderança cristã” opera na consolidação de um corpo voltado à salvação e que funciona em oposição a um “corpo do pecado”.

Partindo de estudos sobre o funcionamento discursivo dos efeitos de verdade (Novais, 2020; Boucher e Soares, 2023; Prates, 2018) e reconfigurando essa noção dentro do quadro da Análise de Discurso Materialista, este artigo analisa, a partir de um *corpus* formado por um trecho de uma pregação e de alguns comentários acerca da referida pregação — nos quais se reproduzem expressões como ‘amém’ e outras fórmulas de identificação —, como a identificação dos sujeitos produz e legitima um efeito de verdade. Nessa perspectiva, a construção do “corpo cananeu”, funcionando como símbolo do pecado, serve como contraponto à necessidade de imitar “aquilo que é bom”, produzindo uma divisão discursiva entre o corpo pecaminoso e o santo.

2 CORPO (DE/E SENTIDOS)

O corpo, enquanto materialidade discursiva, funciona como um arquivo vivo de memórias gestadas pela historicidade, constituída na relação entre o simbólico e o ideológico. De acordo com Orlandi (2017 [2012]), o corpo significa, tem uma forma histórica, uma forma material, sendo atravessado por discursividades, por “efeitos de sentidos constituídos pelo confronto do simbólico com o político em um processo de memória que tem sua forma e funciona ideologicamente” (Orlandi, 2017 [2012], p. 92). Dessa maneira, “não há corpo que não esteja investido de sentidos, e que não seja o corpo de um sujeito que se constitui por processos nos quais as instituições e suas práticas são fundamentais para a forma como ele se individualiza” (Orlandi, 2017 [2012], p. 93).

O corpo é sempre um corpo de uma sociedade, é sempre um corpo no/do discurso (Hashiguti, 2008), pois “vai falando de nós, da história e da cultura, dando testemunho material do tempo em que vivemos” (Leandro-Ferreira, 2023, p. 43). Nessa perspectiva, o corpo é discurso, sendo atravessado

pelo histórico, pelo político, pelo ideológico e pelo simbólico, produzindo sentidos (Orlandi, 2017 [2012]) que operam no tempo longo de uma memória e no tempo curto de uma enunciação¹.

Afirma Hashiguti (2008) que o corpo formula gestos possíveis em sua memória discursiva e em sua sintaxe biofísica, pois este é erigido no encontro da materialidade histórica com a superfície da língua, e aqui, pensamos o corpo (de sentidos) discursivamente forjado no discurso de lideranças cristãs².

No discurso de lideranças cristãs, o corpo não escapa, pois é também mobilizado e significado, sendo, portanto, opaco, não-transparente, e funcionando no embate entre o político e o simbólico segundo certas condições de produção. Compreendemos que é no discurso – alicerçado em determinada formação ideológica, situado nas formações discursivas e significado nas posições-sujeitos – que o corpo (de sentidos) emerge, tendo por base um estatuto dogmático e autoritário de verdade. É dessa forma que o corpo, atado aos sentidos, se materializa no discurso.

Constituída ideologicamente e circunscrita discursivamente, a materialidade do corpo se enlaça aos sentidos ao mesmo tempo que os produz, tendo em vista que o corpo atua como suporte de significação do sujeito (Souza, 2021). Assim, o corpo no discurso materializa efeitos de sentido que o representam discursivamente, resultando na construção de um “corpo da igreja”, um corpo supostamente “salvo”³.

O “corpo da igreja”, o corpo “salvo” é antes de tudo um corpo de sentidos regido por relações discursivas permeadas de poder e autoridade ao garantir a reprodução ideológica de dogmas tidos como verdade. Tal movimento se constitui a partir de um importante representante dessa relação: a posição-sujeito “liderança cristã” que, no interior da formação discursiva cristã-dogmática⁴, define o que “pode e deve ser dito” (Pêcheux, 2014 [1988]).

¹ Courtine (2022 [2009]) nomeia esse processo de *efeitos de memória*. Para o autor, a relação entre o interdiscurso e o intradiscurso produz um efeito discursivo: o efeito de memória. Nele, uma formulação já dita antes e em outro lugar é retomada na atualidade da enunciação, inscrevendo-se na posição-sujeito de acordo com certas condições de produção.

² Estamos chamando de lideranças cristãs as lideranças eclesiásticas que Wieser (2015) lista: presbíteros, episcopos, episcopado, diáconos, apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres. Aqui também acrescentamos padres e papa.

³ Nos embasamos em Rigoni e Prodóximo (2013) para sustentar essa argumentação. A partir das autoras, defendemos que, no âmbito do cristianismo, o corpo formula as “representações de valores, de princípios e de proibições aprendidos na igreja”, o que desemboca na necessidade de ter um corpo que resplandeça ser “da igreja”, um corpo salvo, um corpo que performa a salvação (Rigoni; Prodóximo, 2013, p. 230).

⁴ Cabe destacar que diversas posições-sujeito operam no interior da formação discursiva cristã-dogmática. No entanto, a posição-sujeito liderança cristã adquire, em certa medida, um peso, por razões que discutiremos nos parágrafos seguintes, justamente por lhe ser conferido um efeito de verdade.

⁵ Dizemos formação discursiva cristã-dogmática, porque esta recorre ao cristianismo para reforçar alguns dogmas. Citamos como exemplo as igrejas de matriz pentecostal que operam discursivamente no interior de uma formação discursiva cristã-dogmática, onde certos enunciados são atravessados por uma leitura literal da Bíblia, por uma regulação moral dos comportamentos e pela autoridade atribuída ao sagrado. O discurso se ancora na produção de “verdades”, o que possibilita a produção de sentidos sobre salvação, pecado e usos do corpo.

Sob a ótica de Althusser (2024 [1983]), a ideologia atua como um aparelho que naturaliza relações de poder, de modo que as lideranças cristãs são enlaçadas a construções discursivas que lhes conferem a capacidade de expressar a vontade de Deus. Essa autoridade, ao ser investida no discurso produzido pelas condições de produção da forma-sujeito “liderança cristã”, estabelece, junto aos fiéis, o funcionamento de enunciações tidas como verdades sublimes e inquestionáveis, como, por exemplo, a de que o corpo é instrumento material que pode levar tanto à salvação quanto à perdição.

Nesse sentido, o discurso materializado por essas lideranças funciona como uma verdade, na medida em que a própria estrutura de sua produção determina esse efeito. As lideranças cristãs, investidas da função de portadoras da vontade divina, exercem papel central na constituição de uma verdade dogmática, legitimada tanto pela obediência dos fiéis quanto pela propalada necessidade de santidade.

Essa convocação, no entanto, não ocorre de maneira espontânea, mas se dá pelas condições de produção da forma-sujeito do discurso “liderança cristã”. Tais condições de produção articulam autoridade, verdade e sentidos. Desse modo, ao serem inscritas como portadoras da vontade divina, essas lideranças sustentam relações de poder em um imaginário social que, ao legitimar um regime de verdade, reforça simultaneamente a obediência e o controle sobre os (corpos dos) fiéis. É nesse processo, em que a autoridade é conferida à forma-sujeito “liderança cristã”, que surge o que estamos chamando aqui de efeito de verdade.

3 EFEITO DE VERDADE

Neste tópico, objetivamos discutir e apresentar, de forma sucinta, o funcionamento do que nomeamos como “efeito de verdade”. Para tanto, é importante destacar que esse termo já foi abordado e conceituado em outros trabalhos que citaremos a seguir, embora o estejamos pensando sob uma perspectiva distinta, pois objetivamos indicar como um estatuto de verdade é conferido a posição-sujeito “liderança cristã”.

Nosso caminho para pensar o efeito de verdade presente no discurso de “lideranças cristã” esbarrou primeiramente na tese de Novais (2020), a qual insere o efeito de verdade no cenário acadêmico a partir de uma perspectiva foucaultiana⁶, relacionando-o a elementos que conferem

⁶ Foucault (2002 [1971]) trata da vontade de verdade, apontando-a como um dos procedimentos externos de exclusão do sujeito do que ele chama de ordem do discurso. Isso porque, ainda segundo o referido autor, “em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (Foucault, 2002 [1971], p. 8-9). Portanto, a vontade de verdade, vista como um desses mecanismos, funciona como uma força que molda e direciona o discurso e as práticas sociais, estabelecendo o que é considerado verdadeiro e legítimo em uma determinada episteme histórica. Trata-se, portanto, de um conceito complexo que se

confiabilidade e fidedignidade a determinados sujeitos inseridos em práticas discursivas, como as credenciais acadêmicas de quem escreve um artigo.

Também nos inspiramos no trabalho de Boucher e Soares (2023), que oferecem *insights* relevantes sobre os efeitos de verdade no funcionamento ideológico da mídia. Além disso, destacamos a tese de Prates (2018), orientada pela Profa. Dra. Maria da Conceição Fonseca-Silva, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. O autor investiga os discursos sobre corrupção parlamentar no Brasil e propõe que os efeitos de verdade são construídos socialmente por meio da disputa de memórias discursivas que legitimam diferentes interpretações como sendo verdadeiras. Segundo Prates, o efeito de verdade é definido como “o produto de uma rede de discursos que atua como dispositivo de poder na constituição de interpretações dominantes sobre os sentidos de corrupção” (Prates, 2018, p. 20). A partir disso, o autor analisa como duas posições-sujeito distintas operam na produção de sentidos sobre corrupção: uma que atribui ao PT a responsabilidade central por esquemas ilícitos, e outra que vê a corrupção como uma prática estrutural, presente em diversos partidos, embora silenciada midiaticamente.

Todos esses trabalhos nos possibilitaram retomar a noção de efeito de verdade para operacionalizá-la no que se refere ao funcionamento da forma-sujeito “liderança cristã”. Nesse sentido, é importante destacar que recorremos às condições de produção do efeito de verdade, isto é, o que o funda e permite que ele seja possível. Nesse caso, defendemos que a forma-sujeito “liderança cristã” e a identificação de sujeitos subjetivados ao discurso da posição-sujeito “liderança cristã” é o que permite a emergência do efeito de verdade. É, portanto, com base nessas relações que tratamos do efeito de verdade.

Segundo Wiese (2015, p. 440), “há uma ligação indissociável entre igreja [...], líderes, dons e ministério no novo testamento”. Além disso, conforme Veiga (2022), uma liderança, segundo as tradições institucionais da igreja cristã, deve ser exercida por alguém que guia e norteia, “exercendo influência e coordenando um grupo para a realização de propósitos comuns à fé cristã” (Veiga, 2022, p. 36). Ainda segundo, Wiese (2015), uma “liderança cristã” não é uma grandeza teológica ou empírico-social autônoma, ela está atada a um corpo de sentidos sustentados ideologicamente na religião para traduzir o divino, isto é, a vontade de Deus.

Segundo a leitura de Veiga (2022), a “liderança cristã” é discursivizada enquanto uma missão que deve ser cultivada ao longo de toda a jornada de fé, com o objetivo de servir aos propósitos divinos. O autor argumenta que essa dita missão possui, como objetivo principal, a materialização da fé de seus

materializa por meio de um conjunto de regras, instituições e práticas historicamente constituídas, definindo, “em suma, o discurso verdadeiro” (Foucault, 2002 [1971], p. 18).

seguidores, isto é, “influenciar, servir e gerir seu grupo de seguidores a propósitos alinhados à fé cristã” (Veiga, 2022, p. 37), assim como um pastor pastoreia o seu rebanho.

Wieser (2015, p. 452, grifos do autor) explica que “lideranças cristãs” são vinculadas a “*dons espirituais* dados para o bem do *corpo de Cristo*”, o que significa dizer que a forma-sujeito “liderança cristã” desliza para um lugar pastoral, tomando à frente da instituição igreja e expressando, portanto, a vontade divina. Logo, é-lhe conferida uma autoridade⁷, a fim de que conduza os fiéis à salvação, inclusive através dos usos do corpo.

O lugar de autoridade constituído histórica e ideologicamente, fazendo com que “o padre fale de um lugar em que suas palavras têm uma autoridade determinada junto aos fiéis” (Orlandi, 2007 [1992], p. 37), sustenta um regime de verdade baseado na validação, respeitabilidade e confiança do lugar de quem enuncia. Gostaríamos de ressaltar que falar a partir de um palco, com um microfone, projetar uma voz, dentre tanto outros elementos que compõem a memória da forma-sujeito “liderança cristã”, também lhe conferem certa autoridade.

Assim, a forma-sujeito “liderança cristã” fundamenta-se num estatuto de verdade, de modo que o que uma liderança (posição-sujeito) enuncia — sermões, códigos de conduta etc. — tem valor de verdade. O que queremos dizer é que existe um efeito que confere valor ao dito pela “liderança cristã”, todavia isso apenas se dá pela conformidade (identificação) dos fiéis a formação discursiva cristã-dogmática.

Quando uma “liderança cristã” profere uma homilia em uma missa ou uma pregação em um culto, suas palavras são recebidas com um “amém”. Isso ocorre não apenas pela força argumentativa do que é dito, mas também (e, principalmente) porque o lugar de subordinação já pré-estabeleceu sua legitimidade. Esse mecanismo silencia questionamentos, porque a liderança cristã é percebida como uma autoridade legítima e, por vezes, incontestável — fenômeno que pode ser explicado com base nas formações imaginárias. Afinal, essa percepção da liderança é resultado de construções discursivas que naturalizam essa autoridade, fazendo com que os fiéis a aceitem como verdadeira.

As formações imaginárias, conforme Pêcheux (2014 [1988]), atuam como uma projeção da relação imaginária do sujeito face a sua condição real de existência. Trata-se de um mecanismo central para compreender como a autoridade da liderança cristã é internalizada como evidência. Quando um pastor ou um padre enunciam, os fiéis não respondem apenas ao conteúdo da enunciação, mas

⁷ É crucial reconhecer que a autoridade pastoral não se constitui apenas pela formação ideológica imediata, mas é também alimentada por uma memória discursiva que ressoa na própria constituição da forma-sujeito “liderança cristã”. Como destaca Wieser (2015), modelos de estruturas de poder seculares foram — e ainda são — assimilados pela instituição eclesiástica, processo que naturaliza hierarquias e consolida o poder da Igreja. Essa apropriação não é acidental: em diversos contextos históricos, Igreja e Estado articularam-se em alianças estratégicas, nas quais interesses comuns permitiram a mútua cooptação de recursos, como também aponta Wieser (2015).

à imagem de legitimidade pré-construída que o sujeito-líder encarna. Essa dinâmica é explicitada por Pêcheux (2014 [1988]), ao afirmar que o sentido das palavras não existe antes do discurso, uma vez que este se constitui na relação entre as formações imaginárias e o interdiscurso.

Dessa forma, o “amém” que selo a aceitação do que foi enunciado é o efeito de uma identificação imaginária com a posição-sujeito instituída como porta-voz do divino, o que reforça a autoridade do discurso, silencia questionamentos e produz a evidência dos sentidos discursivizados.

A naturalização dessa autoridade ocorre porque, nas palavras de Pêcheux (2014 [1988]), o sujeito se reconhece no discurso que o constitui como sujeito. As formações imaginárias, nesse processo, dissimulam a materialidade histórica do discurso, fazendo com que os fiéis vejam a “liderança cristã” não como produto de relações de poder, mas como um ser transcendental, enviado para cumprir a missão de falar do lugar que ocupa como líder. Isso explica porque questionamentos são silenciados: a interpelação ideológica, mediada pelo imaginário, produz um esquecimento (discursivo) que permite ao sujeito acreditar que é a origem do que diz (Pêcheux, 2014 [1988]).

A autoridade pastoral é perpetuada não pela coerção, mas pela adesão “espontânea” a uma verdade pré-fabricada, consolidando e sacramentando então um efeito de verdade. Trata-se, aqui, de um mecanismo discursivo que, a partir de certa autoridade conferida por sujeitos identificados com a forma-sujeito “liderança cristã”, outorga o funcionamento de efeito de verdade à posição-sujeito (pastor ou padre, por exemplo) diante daquilo que enuncia⁸.

O efeito de verdade só se consolida na relação entre o lugar de autoridade conferido à “liderança cristã” e a identificação dos sujeitos nela subjetivados. É essa interação — autoridade discursiva e reconhecimento pelos fiéis — que produz o efeito de verdade. É esse funcionamento que faz com que os enunciados da liderança — como sermões, doutrinas e ordens — sejam não apenas escutados, mas acolhidos, repetidos e performados pelos fiéis.

É na medida em que os sujeitos (fiéis) se reconhecem na relação imaginária com essa posição — reconhecendo-a como legítima, verdadeira e autorizada — que os sentidos produzidos passam a

⁸ Até aqui, o leitor pode se perguntar se isso já não foi anteriormente amplamente discutido em Pêcheux (2014 [1988]), ao conceber o processo ideológico que apaga as condições de produção dos sentidos, fazendo com que certos enunciados se apresentem como naturais e incontestáveis. Todavia, gostaríamos de destacar que há algumas diferenças e pontos de ampliação em nossa proposta. Ao propormos o “efeito de verdade”, buscamos explicar como o discurso não só materializa, mas também sustenta e reproduz relações de poder. Nesse sentido, enfatizamos o papel das lideranças cristãs como agentes que, por meio do discurso, produzem um efeito de verdade — isto é, um mecanismo pelo qual determinados enunciados (como a defesa da necessidade de um corpo salvo) são naturalizados e tidos como verdade pelos fiéis. Por mais que compreendemos que esse processo também se dá pelo apagamento das condições de produção, o efeito de verdade nos permite conectar a teoria discursiva com práticas materiais, como os rituais, os gestos de autoridade e os próprios comentários dos fiéis em ambientes enunciativos informatizados. Destacamos ainda que esse conceito de “efeito de verdade” vincula a materialidade do corpo — e seus usos estéticos e simbólicos — a mecanismos de controle e de legitimação ideológica.

circular como evidentes, naturais e incontestáveis. Assim, não se trata apenas de uma autoridade imposta, mas de uma autoridade sustentada pela própria identificação dos sujeitos interpelados, que reafirmam, a cada “amém”, a validação do dito como verdade.

Nesse sentido, o efeito de verdade não é um dado natural do discurso, mas uma produção discursiva que só se sustenta na articulação entre o lugar de autoridade, historicamente construído, e a adesão dos sujeitos a esse lugar. A “liderança cristã” funciona, então, como uma instância autorizada a dizer o que é certo, o que é verdadeiro, o que salva e o que condena, justamente porque há uma rede de sentidos que legitima sua fala e que é reforçada pela identificação dos sujeitos interpelados.

Portanto, o efeito de verdade não reside nem só na autoridade que fala, nem só na identificação de quem escuta, mas no cruzamento desses dois movimentos: um sujeito que fala a partir de um lugar autorizado e sujeitos que se reconhecem nessa autoridade, reforçando-a. É esse funcionamento que sustenta e reproduz sentidos que parecem não depender da história, quando, na verdade, são profundamente atravessados por ela.

Dessa maneira, o que se consolida não é apenas um regime de verdade sobre a fé, mas também sobre o corpo, a conduta e a existência dos sujeitos, uma vez que o discurso da “liderança cristã” orienta práticas, define normas e legitima modos de ser, agir e aparecer no mundo. O efeito de verdade, assim, opera como um dispositivo de regulação ideológica que, ao mesmo tempo que interpela, também silencia, produzindo sujeitos ajustados aos sentidos dominantes. Nesse sentido, ao mesmo tempo que retomamos Foucault (2002 [1971]), quando trata da vontade de verdade, para tratar de efeito de verdade, nos distanciamos desse autor, pois, além da questão da “separação historicamente constituída” (Foucault, 2002 [1971]) entre o verdadeiro e o falso, defendemos que o efeito de verdade se constitui na relação com a regulação ideológica, definindo, por exemplo, o vínculo entre dominadores e dominados. É pensando nessa conjuntura que apresentamos a seguir uma análise de duas sequências discursivas⁹ para ilustrar o entrelaçamento entre poder, autoridade, verdade e identificação.

4 CORPO E AUTORIDADE

A ilusão de autonomia descrita em Althusser (1999) é crucial para pensarmos que, ao se apresentar a santidade como escolha individual, oculta-se o fato de que o corpo disciplinado é resultado

⁹ Entendemos por sequência discursiva, conforme Courtine (2022 [1981]), um recorte da formulação do discurso que materializa o funcionamento de determinados efeitos de sentido, permitindo observar a atualização da memória discursiva e o jogo entre formações ideológicas.

de uma estrutura de poder, regido por um efeito de verdade que se mostra no discurso materializado em enunciações de “lideranças cristãs”.

Na busca por compreender o corpo como um lugar de inscrição do sagrado, atravessado por efeitos de verdade, e como tais efeitos são postos em funcionamento, constituímos um *corpus* composto por um trecho de um vídeo de pregação disponível no *YouTube*, bem como por recortes de comentários deixados pelos usuários na aba destinada às interações. A escolha da plataforma *YouTube* se justifica por seu amplo alcance, pela alta acessibilidade aos conteúdos religiosos nela compartilhados e pelo fato de permitir não apenas o consumo do vídeo, mas também a participação ativa da audiência por meio de comentários. Esse espaço enunciativo informatizado possibilita observar como sentidos sobre o corpo são produzidos, reiterados e postos em circulação.

Para a seleção do material, realizamos buscas na plataforma utilizando as palavras-chave “corpo”, “igreja” e “santidade”. Após essa etapa, definimos como *corpus* o vídeo intitulado “Usos e costumes são bons? - Pr. Osiel Gomes”, hospedado desde março de 2023 no canal “PR. OSIEL GOMES”. Até a data de produção deste texto¹⁰, o vídeo acumulava mais de 49 mil visualizações e tinha 167 comentários.

Com base na análise de discurso materialista, chegamos ao gesto de análise de um trecho de uma pregação em que o pastor, que é, nesse caso, uma “liderança cristã”, enuncia:

Um homem salvo ele vai ter um comportamento do Espírito Santo de Deus na sua vida e ele só quer imitar aquilo que é bom e aquilo que corresponde à salvação de Deus [...] e Deus não queria que o povo dele imitasse nada dos cananeus porque os cananeus era a força do pecado da época, tudo que não tinha que não prestava (**SD1**).

Selecionamos esse trecho porque ele coloca em perspectiva o corpo como materialidade de inscrição de sentidos de salvação e isso está materializado na fala de uma “liderança cristã”. Nesse sentido, essa sequência discursiva relaciona-se à pergunta de pesquisa que está na base de construção deste artigo, qual seja: de que maneira a posição-sujeito “liderança-cristã” produz um efeito de verdade ao articular corpo e salvação? Para entendermos esse funcionamento, verificamos também a aba de comentários, pois ali estariam os comentários dos sujeitos que compõem a audiência tanto do vídeo quanto da pregação¹¹.

Vemos, portanto, que, na **SD1**, a posição-sujeito faz operar o pré-construído “homem salvo”, que pode ser parafraseado por “homem que é salvo”. Essa construção se ancora em uma divisão

¹⁰ A data da última consulta foi 30 de julho de 2025.

¹¹ A distinção entre “audiência do vídeo” e “audiência da pregação” não remete a públicos diferentes, mas a modos distintos de engajamento com o mesmo conteúdo. A “audiência do vídeo” refere-se aos espectadores em geral, enquanto a “audiência da pregação” trata de uma relação marcada por processos de subjetivação e identificação.

segundo a qual existem homens (sujeitos) que são salvos e aqueles que não o são. O “homem que é salvo” circula como pressuposto da existência de uma possibilidade de salvação divina, sobretudo para aqueles que imitam “aquilo que é bom”.

O “homem salvo” precisa, antes de tudo, “ter um comportamento do Espírito Santo de Deus na sua vida” — isto é, aproximar-se de um ideal de salvação por meio de suas ações e condutas. Espera-se que ele se conforme a esse modelo pelo modo como age e se comporta no mundo. Com isso, seu processo de subjetivação passa a ser regulado por uma lógica que restringe seus gestos, palavras e atitudes a imitar “aquilo que é bom”.

Na SD em análise, a expressão “aquilo que é bom” não se produz no nível da explicitação, mas no da remissão, pois está imersa em um processo de saturação em que entram em jogo outras construções que a antecedem e a sucedem. Entendemos que “bom” não é qualquer coisa; ele diz respeito a normas, regras e valores que delimitam o que é considerado motivo de salvação para os sujeitos. Dessa maneira, “aquilo que é bom” corresponde: a) aquilo que está relacionado ao “homem salvo”; b) aquilo que diz respeito ao comportamento do Espírito Santo de Deus; c) aquilo que é correspondente a salvação de Deus; d) aquilo que não representa os cananeus. Então, “imitar aquilo que é bom” é a garantia de salvação do homem, pois só assim ele será um “homem salvo”.

Por sua vez, a formulação coloca também em perspectiva a relação de implicação que a posição-sujeito “liderança cristã” estabelece entre salvação e “imitar aquilo que é bom”. Dessa forma, podemos compreender que a salvação é alcançada e garantida pela forma de ser e de agir do sujeito e, por extensão, pela forma de seu corpo ser e estar no mundo. O corpo de um “homem salvo” está submetido à necessidade deste homem de ter não apenas comportamentos, mas também de assumir compromissos e responsabilidades em prol de sua salvação: mostrar, por meio dos usos do corpo, o “Espírito Santo de Deus na sua vida”.

Nesse sentido, na **SD1**, ainda que o corpo não seja diretamente mencionado, ele está presente mesmo que transversalmente no discurso materializado, pois “onde há sujeito, há corpo, e onde há corpo há linguagem, há materialidade simbólica, político-ideológica” (Leandro-Ferreira, 2023, p. 42). Essa compreensão nos permite observar que, mesmo silenciado, o corpo atravessa o funcionamento discursivo na medida em que se constitui como espaço de inscrição de sentidos, sobretudo na articulação entre salvação, pureza e rejeição do que é considerado pecaminoso.

Esse funcionamento se mostra quando o enunciador afirma que “Deus não queria que o povo dele imitasse nada dos cananeus, porque os cananeus era a força do pecado, tudo que não tinha que não prestava”. Nesse enunciado, observa-se um jogo discursivo entre os termos “nada” e “tudo”, que produz um gesto de recusa total. O “nada dos cananeus” pode ser parafraseado como “nada que

pertencia aos cananeus”, “nada que estava relacionado aos cananeus” ou “nada que fazia parte dos cananeus”, inclusive o corpo cananeu – materialidade marcada pela significação do pecado, uma vez que “tudo” neles não prestava.

A construção “tudo que não prestava” reforça uma lógica no discurso que não rejeita apenas práticas ou comportamentos, mas também os corpos, vistos como inscrição do desvio, do erro e do que deve ser excluído. O funcionamento discursivo entre “nada” e “tudo” produz uma operação de totalização e apagamento onde “nada” do outro pode ser aceito, pois “tudo” nele, inclusive o corpo, é tomado como materialização do pecado, da impureza e daquilo que não deve ser imitado.

Essa lógica opera uma cisão entre aquele que é considerado salvo e aquele que é condenado, estabelecendo fronteiras simbólicas que sustentam processos de exclusão. Nessa relação, o corpo comparece de forma silenciada, funcionando como não-dito, mas presente na memória discursiva do que é rejeitado. Como afirma Orlandi (2007 [1992], p. 42), “o silêncio não é ausência de linguagem, mas outro funcionamento da linguagem, em que o não dito significa tanto quanto o dito”. Assim, mesmo sem ser nomeado diretamente, o corpo dos cananeus — e, por extensão, tudo que neles “não prestava” — torna-se espaço simbólico de inscrição do pecado, sendo apagado na enunciação, mas funcionando como efeito de sentido na sustentação da alteridade que precisa ser rejeitada.

O corpo, na **SD1**, é demandado a partir da necessidade de se ter um “comportamento do Espírito Santo de Deus”, e assim, para ser salvo, é importante que o ser humano (e, consequentemente, seu corpo) faça renúncias, que se restrinja, uma vez que ele é convocado a corresponder apenas aos sentidos de salvação. O corpo deve se descolar de qualquer traço que, discursivamente, remeta ao outro cananeu, ao pecaminoso, ao que não presta. Em outras palavras, entendemos que na **SD1**, por meio do adjunto adverbial de exclusão (“[...] só quer imitar aquilo que é bom e aquilo que corresponde à salvação de Deus”), discursiviza-se que o corpo, para ser salvo, deve se atentar única e exclusivamente ao que corresponde discursivamente à salvação de Deus. Isso significa que a posição-sujeito “liderança cristã” está restringindo o corpo do sujeito a um único desejo ou decisão: “imitar aquilo que é bom”.

Nesse ínterim, na SD sob análise, o corpo é o instrumento que conduz os sujeitos à salvação, para que esse sujeito tenha a garantia de ser um “homem salvo”, pois através de comportamentos, agirá como alguém que possui a salvação. Nessa perspectiva, o corpo de um “homem salvo” se diferencia e se distancia de um corpo cananeu, visto que este é a encarnação do pecado, onde “nada” presta, é a representação do que não é bom e do que não “corresponde à salvação de Deus”.

O contraste do corpo cananeu e do não cananeu é posto em funcionamento pela posição-sujeito “liderança cristã”, ao apontar a representação (usos) de um “corpo salvo”. Diante disso, uma pergunta emerge: mas quem são os cananeus? Segundo Portilho (2018 p.11), “os cananeus formavam os povos

que habitavam a ‘terra prometida’ na época da chegada de Abraão. Compunham sete nações distintas: os fenícios, os filisteus, os amonitas, os heteus, os jebuseus, os amorreus e os heveus”. A descendência dos cananeus quase sempre foi atribuída a Cam, e em alguns livros da bíblia, sofreu a repressão divina, sendo uma nação subalternizada, amaldiçoada e dizimada (Portilho, 2018, p. 11).

Além disso, segundo De Campos e Da Costa Souza (2019, p. 740), os cananeus “foram apresentados pela Bíblia como aqueles que transformaram a fé e a percepção do sagrado em algo abominável”. A sentença recaiu sobre os descendentes dos cananeus devido ao pecado de Cam, figura que Portilho (2018, p. 12) nomeia de “pai dos povos negros”.

Retomando a **SD1** e nos atentando para a leitura de Portilho (2018) e De Campos e Da Costa Souza (2019), o corpo salvo metaforiza o avesso do corpo cananeu, logo, o corpo salvo não apenas precisa não imitar os cananeus, mas é igualmente importante que não seja um descendente dos cananeus. Assim, ancorados em Portilho (2018, p. 12), entendemos que o corpo salvo não é um corpo que descenda de Cam, do “pai dos povos negros”, como indicado pela referida autora.

Segundo a interpretação cristã, Cam, filho de Noé, ao ver o pai embriagado e nu, expôs sua condição aos irmãos. Como punição, Noé teria amaldiçoado a descendência de Cam à servidão perpétua. Sousa (2021) aponta que Santo Agostinho, um dos principais teólogos da Igreja Católica, foi um dos primeiros a estabelecer uma conexão entre essa maldição e a escravidão, fornecendo respaldo religioso para a subjugação dos corpos negros.

Nesse contexto, houve um esforço sistemático de figuras religiosas para associar o escravizado à figura do negro/africano, transformando a cor da pele em um “sinal” visível da maldição. Como destaca Sousa (2021), “a escravidão como resultado de um pecado proporcionou uma oportunidade para que europeus evangelizassem africanos, sob a alegação de afastá-los de seus erros, justificando assim seu cativeiro” (Souza, 2021, p. 190).

Sousa (2021) explica ainda que, no contexto da relação entre religião e expansão marítima, o discurso religioso foi amplamente utilizado ao longo do século XV para justificar a escravidão africana. A legitimização desse sistema opressor baseava-se na ideia de uma maldição divina, que teria condenado os povos africanos e que era consequência direta do pecado original de Adão e Eva, concebido como a origem da desgraça humana.

Ao entendermos quem são os cananeus, vemos que a racialidade atravessa discursivamente a formulação do pastor, produzindo um arranjo entre o corpo salvo e corpo descendente do “pai dos povos negros” (Portilho, 2018, p.12). A posição-sujeito do discurso, a qual não escapa dos processos racializados de nossa formação social, faz funcionar assim uma separação entre o “povo de Deus” e os

cananeus, sendo esse um grupo historicamente racializado que representava “a força do pecado da época” e que simbolizava tudo o que “não prestava”.

Dessa forma, o corpo salvo é um corpo que imita “aquilo que é bom” e que não descende dos cananeus, logo, é um corpo que não é historicamente racializado, ao passo que o corpo do pecado, aquele que se afasta dos efeitos de sentido de salvação, é um corpo descendente da negritude. Assim, na **SD1**, o corpo é atravessado por efeitos de sentido de salvação, funcionando pela oposição entre “homem salvo” e “cananeu”, sendo que cada uma dessas expressões remete a diferentes memórias discursivas, ambas vinculadas a uma formação discursiva cristã-dogmática para a qual existe por um lado uma memória que se relaciona à imagem do “homem salvo”, que deve ter um comportamento conduzido pelo Espírito Santo de Deus; e, por outro lado, uma memória acerca da imagem dos cananeus, vistos por essa mesma formação discursiva como “a força do pecado da época” e também como “tudo que não prestava”. É com base nessas duas memórias que passamos ao segundo momento de análise, em que abordaremos os comentários sobre o vídeo do pastor Osiel Gomes, para pensar o funcionamento do efeito de verdade conferido à posição-sujeito “liderança cristã”.

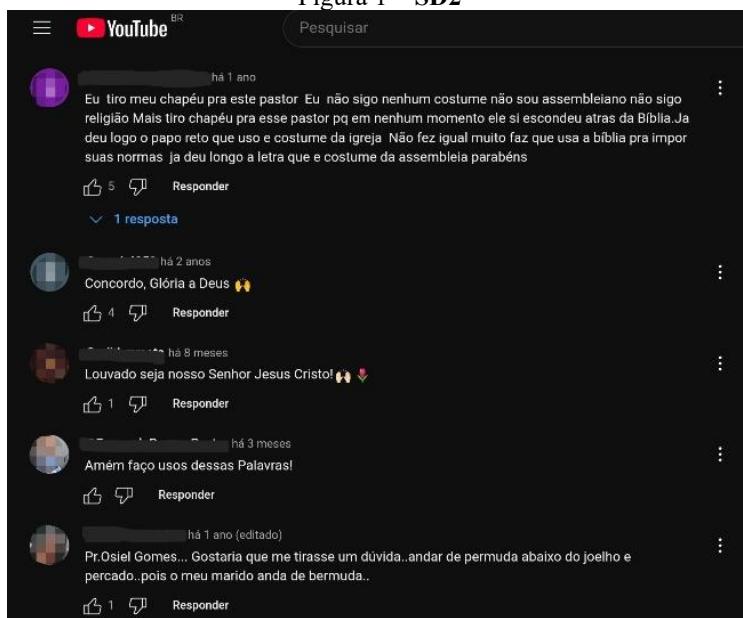
5 CORPO E VERDADE

Partindo do pressuposto de um poder-dizer conformado nas mais diversas posições-sujeito, tomamos o *YouTube*, a partir de Adorno (2015) e de Dias (2013), como espaço enunciativo informatizado, que funciona como local de arquivamento do discurso audiovisual e que oportuniza a circulação de certos sentidos e a “interdição” de outros. Dessa maneira, os comentários do vídeo da pregação funcionam como materialidades discursivas produzidas por posições-sujeito no espaço enunciativo informatizado YouTube.

Analisar o que as posições-sujeito enunciaram naquele espaço de comentários é importante para os objetivos deste trabalho, pois defendemos que o efeito de verdade da forma-sujeito “liderança cristã” só se efetiva por meio da identificação dos sujeitos fiéis ao discurso materializado no vídeo. Nesse caso, esses fiéis seriam aqueles que fazem comentários sobre vídeo. À vista disso, ao nos atentarmos sobre os comentários, propomos o enquadramento (captura de tela) daqueles que, em um primeiro gesto de interpretação, mostram-se identificados com toda a pregação, inclusive com o trecho que selecionamos para análise e que compõe a Sequência Discursiva (SD1). Esses comentários constituem a **SD2**. Importante destacar que analisaremos todos os comentários deste bloco analítico, pois entendemos que eles marcam diferentes posições-sujeito, as quais indicam identificação com a pregação.

A análise dos comentários, aponta para um processo de identificação desses comentadores com o discurso materializado na fala da “liderança cristã”. Liderança essa que, por sua vez, fundamenta-se em um efeito de verdade. Esse efeito se materializa e se manifesta quando os internautas remetem à enunciação da posição-sujeito “liderança cristã”, assumindo-a como verdadeira, reforçando, assim, a oposição entre “homem salvo” e cananeu, sendo esse último parafraseado como “a força do pecado”. Vejamos, então, a captura de tela de alguns desses comentários, os quais constituem a SD2 e estão localizados abaixo do vídeo com a fala do pastor.

Figura 1 – SD2



Fonte: YouTube (2025)

Esses comentários ecoam a enunciação da liderança cristã, fazendo emergir da referida enunciação um efeito de verdade. Nesse sentido, o “amém” do quarto comentário presente na **SD2** confirma e reforça o que foi enunciado pelo pastor. Assim, a partir da construção discursiva do “corpo cananeu” como símbolo do pecado e também da indicação da necessidade de “imitar aquilo que é bom” (**SD1**), o “amém”, presente na **SD2**, reforça a associação entre corpo e salvação.

Como ressalta Orlandi (2017 [2012]), o corpo é investido de sentidos que se naturalizam por meio de processos históricos e discursivos, o que é reiterado no uso de construções também presentes na **SD2**. Nesse sentido, constatamos que os comentários constituem uma materialidade possível para identificação dos efeitos de verdade. Tanto as construções afirmativas – como as expressões “concordo, glória a Deus” ou “amém, faço uso dessas palavras” – quanto os questionamentos - como “pastor Osiel Gomes... gostaria que me tirasse uma dúvida... andar de bermuda abaixo do joelho é pecado... pois o meu marido anda de bermuda” -, que buscam orientação, materializam diferentes posições-sujeito que

retomam o que é dito na pregação. Essa pluralidade dos comentários indica o quanto a identificação com o discurso da liderança cristã é fundamental para que o efeito de verdade seja possível, isto é, a identificação é uma das condições de produção para que o efeito de verdade se materialize.

Ainda em relação à **SD2**, pinçamos o comentário “louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo” para refletirmos um pouco mais sobre o funcionamento do efeito de verdade. O enunciado é uma construção presente na memória discursiva cristã, que sintetiza exaltação, agradecimento e reverência a Jesus Cristo, ao mesmo tempo em que carrega marcas de fé, identificação e submissão ao sagrado. Seu uso é recorrente tanto na linguagem cotidiana dos fiéis quanto em celebrações litúrgicas e em contextos devocionais — como é o caso da pregação da qual recortamos a **SD1** — funcionando, por vezes, como gesto de filiação ao discurso de uma liderança cristã.

Do ponto de vista discursivo, defendemos que a formulação “louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo” opera uma efetivação do efeito de verdade, pois, ao ser proferida, ela não funciona apenas como formalidade ritualística, mas marca o momento em que o sujeito se identifica com o enunciado da liderança cristã. Essa resposta encapsula o reconhecimento e a aceitação daquilo que foi proferido pela referida posição-sujeito, produzindo, assim, um efeito de verdade.

O comentário em tela reforça, portanto, o argumento de que o efeito de verdade se materializa quando o discurso linearizado na enunciação da “liderança cristã” é identificado pelos sujeitos como vinculado a uma força superior do qual aquela liderança é o porta-voz. Outros comentários, como: “concordo, glória a Deus”, “amém, faço uso dessas palavras”, “eu tiro meu chapéu pra esse pastor”, funcionam como gestos de reafirmação que consolidam o estatuto de verdade do que está sendo dito pelo pastor. Quando um sujeito diz “eu tiro meu chapéu pra esse pastor” (**SD2**), ele não apenas demonstra respeito, mas também, discursivamente, reconhece, de forma simbólica, a autoridade daquele que produz o enunciado que motivou o referido comentário. Essa aceitação se transforma em uma verdade, uma vez que os sujeitos se identificam com o discurso que associa salvação e corpo, pois, como lembra Pêcheux (2014 [1988]), o sujeito, interpelado pela ideologia, se reconhece no discurso que o constitui.

A operacionalização do efeito de verdade, portanto, reside na articulação entre a formulação discursiva – materializada na repetição de “amém” e de outras expressões que funcionam como concordância em relação à pregação do pastor – e um modelo de corpo “salvo”. O efeito de verdade silencia os questionamentos ao passo que reitera a autoridade investida na forma-sujeito “liderança-cristã”. Na análise, entendemos que as posições-sujeito presentes, por meio do funcionamento discursivo dos comentários, incorporam e ratificam o discurso da liderança-cristã na pregação. Nesse sentido, nos comentários sob análise, o discurso do “homem salvo” que se opõe ao “cananeu” é aceito

como uma verdade, considerando que a liderança cristã é discursivizada como uma autoridade legítima.

Esse processo de legitimação do poder conferido à forma-sujeito “liderança cristã” não se faz presente apenas nas construções afirmativas que citamos acima, mas também está materializado no comentário que expressa um pedido, o último. No último comentário da **SD2**, o lugar discursivo de autoridade de onde a forma-sujeito “liderança cristã” enuncia é também posto em funcionamento.

Ao solicitar ao pastor que diga se é pecado usar bermuda, a posição-sujeito que enuncia a pergunta reconhece que o corpo é um espaço que precisa ser orientado, vigiado, disciplinado; e que essa orientação deve vir da voz legítima da liderança. Aqui, compreendemos o funcionamento da formação ideológica capitalista-burguesa, que institui o corpo como um lugar de sentido, marcado pelo simbólico (Orlandi, 2017 [2012]); um corpo que, para ser salvo, precisa ser enquadrado e adequado a um padrão de santidade.

Esse comentário não apenas confirma a autoridade do líder religioso, mas produz uma espécie de reafirmação/prolongamento do efeito de verdade, pois convoca a liderança a continuar indicando o que é ou não adequado, o que é ou não uma atitude guiada pelo “Espírito Santo de Deus”. Assim, o corpo aparece como uma superfície discursiva em que sentidos se constituem e se ancoram, o que se dá a partir de um imaginário de pureza e de subordinação à norma religiosa.

Em virtude do lugar de autoridade e do efeito de verdade que lhe é conferido, a forma-sujeito “liderança cristã” é autorizada e, até mesmo, conclamada a indicar o que é ou não pecado. Dessa forma, sua palavra funciona como verdade, pois está permeada por uma autoridade simbólica e pelo imaginário de que tal liderança tem a capacidade de traduzir o divino. Nesse sentido, o discurso materializado por lideranças cristãs funciona como dispositivo efetivo a serviço da formação ideológica capitalista-burguesa, reverberando um estatuto de verdade entre os sujeitos identificado às formações discursivas que constituem a referida formação ideológica. Dentre tais FDs, destacamos aqui a FD protestante-fundamentalista, que recorre aos textos bíblicos para reforçar as teses que defende, como vemos, por exemplo, na fala do pastor.

Por fim, o discurso materializado nos comentários indica que o efeito de verdade só se materializa quando os sujeitos internalizam e se identificam com o enunciado. A identificação – manifestada nos comentários – torna o discurso um dispositivo de poder, pois a “liderança cristã” traduz o divino por meio da delimitação do que pode e do que não pode ser feito pelo “homem salvo”.

Dessa forma, como dito em outros momentos desse texto, o “amém” e suas variações não são meras formalidades ritualísticas, mas funcionam como instrumentos ativos de constituição e de naturalização de autoridade e de fé, embora reconheçamos que a resistência sempre se faz presente,

produzindo falhas, desmaios ou rachaduras nos rituais de interpelação ideológica, pois, como salienta Pêcheux (2014 [1988], p. 281), “não há dominação, sem resistência [...].”

6 CONCLUSÃO

A análise realizada revela que o efeito de verdade no discurso das “lideranças cristãs” opera por meio da incessante identificação dos fiéis com as enunciações e práticas ritualísticas. No corpus sob análise, esse processo se mostra por meio da naturalização de um ideal de corpo salvo, o qual imita “aquilo que é bom”, ao passo que se contrapõe à figura do “corpo cananeu”, que representa o pecado.

As interações presentes na aba de comentários do vídeo da pregação refirmam as relações de poder e de pertencimento estabelecidas entre a posição-sujeito “liderança cristã” e os internautas-comentadores, que também se identificam com o discurso materializado na fala do pastor, o que reforça o efeito de verdade.

A autoridade investida na forma-sujeito “liderança cristã” se reafirma enquanto dispositivo ideológico, contribuindo para a manutenção de um imaginário segundo o qual o “homem salvo” tem comportamentos diferentes do “cananeu”, cuja paráfrase, presente no trecho da pregação aqui analisado, é “a força do pecado”. A análise das duas sequências discursivas (SDs) indica que a verdade, para as posições-sujeito materializadas no *corpus*, é um efeito e, portanto, não é absoluta, pois está condicionada à identificação dos sujeitos à formação discursiva, abrindo espaço para emergência de contradiscursos e de resistências.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Guilherme. Discursos sobre o eu na composição autoral dos vlogs. Tese de Doutorado (Programa de pós-graduação em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. 2015. Disponível em:

<<https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/961603>>. Acessado em 06 de maio de 2022.

ALTHUSSER, Louis. Aparelhos ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2024 [1983].

_____. Sobre a reprodução. Petrópolis – RJ: Vozes, 1999.

BOUCHER, Damião Francisco; SOARES, Thiago Barbosa. Postulações e fake news: os efeitos de “verdade” nos discursos midiáticos. Gestadi-Revista do Grupo de Estudo de Análise do Discurso, v. 1, n. 1, p. 1-21, 2023. Disponível em:

<<http://www.gestadi.periodikos.com.br/article/doi/10.5281/zenodo.8215585>>. Acessado em 02 de abril de 2025.

COURTINE, Jean-Jacques. Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos-SP: EdUFSCar, 2022 [2009].

DE CAMPOS, Fernando Batista; DA COSTA SOUZA, Pablo Rangel Cardoso. Os outros da Bíblia. REFLEXUS-Revista Semestral de Teologia e Ciências das Religiões, v. 13, n. 22, p. 737-741, 2019. Disponível em: <<https://revista.fuv.edu.br/index.php/reflexus/article/view/1088>>. Acessado em 01 de abril de 2025.

DIAS, Juciele Pereira. YouTube: um espaço de leituras na contemporaneidade. Anais do Seminário Interno de Pesquisas do Laboratório Arquivos do Sujeito, v. 1, n. 2, p. 72-78, 2013. Disponível em: <<http://www.las.uff.br/periodicos/index.php/seminariointerno/article/view/38>>. Acessado em 16 de agosto de 2022.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso (aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970). 8^a edição. São Paulo: Loyola, 2002.

HASHIGUTI, Simone. Corpo de memória. Tese de Doutorado (Programa de pós-graduação em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas. 2008. Disponível em: <<https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/415227>>. Acessado em 07 de setembro de 2023.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. Quando o corpo acontece. In: O corpo na análise do discurso: conceito em movimento. Campinas – SP: Pontes Editores, 2023.

NOVAIS, Karina Nogueira Druve et al. Modalização e estratégias de produção de efeitos de verdade em artigos acadêmicos da área da linguística. 2020. 216f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/33640>>. Acessado em 21 de março de 2025.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia. Campinas-SP: Pontes, 2017 [2012].

_____. As formas do silêncio: no movimento dos sentidos. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2007 [1997].

PÊCHEUX, Michel. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2014 [1988].

PORTELHO, Érica. DEUSA PAI–O princípio xenofóbico na mitologia judaico-cristã. In: Anais do X Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros. 2018. p. 270-285. Disponível em: <https://www.copene2018.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/1538268908_ARQUIVO_deusapai_modelocopenefinal2.pdf>. Acessado em 05 de abril de 2025.

PR. OSIEL GOMES. USOS E COSTUMES SÃO BONS? - PR. OSIEL GOMES. YouTube, 27 de março de 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9-IW-aLrkdl>>. Acessado em 30 de julho de 2025.

PRATES, Ciro Renan Oliveira. Corrupção por meio de práticas delitivas ou de infringência à norma legal de parlamentares no Brasil: Memória e Efeitos de Verdade. 2018. 152f. Tese (Doutorado em Memória: Linguagem e Sociedade). Disponível em: <<http://www2.uesb.br/ppg/ppgmls/wp-content/uploads/2019/03/Tese-Ciro-Renan-Oliveira-Prates.pdf>>. Acessado em 01 de abril de 2025.

RIGONI, Ana Carolina Capellini; PRODÓCIMO, Elaine. Corpo e religião: marcas da educação evangélica no corpo feminino. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 35, p. 227-243, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbce/a/4VtG8cBPh4xLxtrsbnnyZjmG/>>. Acessado em 25 de março de 2025

SOUZA, Caroline Passarini. Escravidão, abolição e gênero: mulheres negras, corpo e reprodução nas Américas. Revista Eletrônica da ANPHLAC, v. 21, n. 31, p. 188-222, 2021. Disponível em: <<https://anphlac.emnuvens.com.br/anphlac/article/view/4032>>. Acessado em 15 de março de 2025.

SOUZA, Bárbara Pavei. Entre o olhar e o ver: as (in) visibilidades do corpo feminino negro nas revistas de moda. Tese de doutorado (Programa de pós-graduação em Ciências da Linguagem) - Universidade do Sul de Santa Catarina. 2021. Disponível em: <<https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/17505>>. Acessado em 02 de novembro de 2022.

VEIGA, Pedro Henrique Teixeira Pires. A autoridade dos que servem: o caminho do serviço como proposta de seguimento para a liderança eclesiástica contemporânea. 2022. 93f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 2022. Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PUC_RIO-1_8ca8272bb611bf694f8353bf3a6c576e>. Acessado em 20 de março de 2025.

WIESE, Werner. Aspectos teológico-pastorais de igreja, ministério, liderança e autoridade cristãs no novo testamento com enfoque em Paulo. Revista Batista Pioneira, v. 4, n. 2, 2015. Disponível em: <<https://openurl.ebsco.com/openurl?sid=ebsco:plink:scholar&id=ebsco:gcd:120762825&crl=c>>. Acessado em 10 de março de 2025.

YOUTUBE. Captura de tela de comentários de vídeo-pregação no YouTube. 2025. 1 captura de tela. 8,07 x 9,63 cm. Disponível em: <<https://youtu.be/9-IW-aLrkdl?si=wAdLJzJtiR1X7JfU>>. Acesso em: 30 de julho de 2025.